



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Ata do Copom deve explicar em detalhes opção pela queda de 0,50 pp da Selic

Após decisão dividida e com algum grau de surpresa, os agentes estarão atentos a Ata da última reunião do Copom, que reduziu a taxa Selic em 0,50 pp para 13,25% aa, e será divulgada nesta terça (08). A expectativa é de que o documento explique em mais detalhes a opção da maioria do Colegiado (incluindo o presidente, Roberto Campos) por um corte menos cauteloso já no início do ciclo, ante expectativa majoritária (entre os economistas) de um corte de apenas 0,25 pp. Isso porque, as projeções de inflação do BCB ainda seguem um pouco acima da meta para 2024 (3,4%), assim como as expectativas do mercado de longo prazo (em torno de 3,5%). O documento será importante para calibrar as expectativas dos agentes, dado que parcela do mercado já começa a cogitar cortes de 0,75 pp nas próximas reuniões, apesar da indicação de manutenção dos cortes de 0,50 pp. Além disso, importante verificar se o BCB citará a questão fiscal no documento (e em que sentido), dado que neste comunicado deixou de mencionar a incerteza fiscal como um possível risco de alta para a inflação.

Em relação à inflação, será conhecido na próxima sexta (11) o resultado do IPCA de julho, que deve voltar a ficar próximo a 4,0% na variação anual. A expectativa do consenso é de uma alta de apenas 0,08% no mês, pressionada pelo aumento da gasolina (aumento dos impostos federais), mas praticamente compensada pela queda dos alimentos e energia elétrica. Apesar do número bastante baixo para o mês, o IPCA deve acelerar consideravelmente em 12 meses, subindo de 3,16% para 3,95%, dada a exclusão do resultado de jul/22 (-0,68%) da base de comparação, quando foram estabelecidas as desonerações de impostos sobre os combustíveis e energia elétrica. Ainda no tema da inflação, vale citar que hoje cedo a FGV divulgou o resultado do IGP-DI de julho, que mostrou deflação de 0,40% no mês, refletindo a contínua queda dos preços no atacado.

Já no âmbito da atividade, serão conhecidos ao longo da semana os números finais do 2T23 do varejo, serviços e índice IBC-Br, que devem reforçar a percepção de uma alta modesta do PIB no período. Na quarta (9), o IBGE divulga o resultado do varejo, cuja expectativa no conceito ampliado (com veículos e materiais de construção) é de queda de 0,3% no mês, apesar do aumento das vendas de veículos no período (programa de descontos). Na quinta (10), será conhecido o resultado do setor de serviços, que deve subir 0,5%, ainda beneficiado pelo mercado de trabalho aquecido. Já na sexta (11), o BCB informa o índice IBC-Br de junho, onde a expectativa também é de uma alta de 0,5%, devolvendo parte da forte queda de maio (-2,0%). Com isso, o índice deve crescer apenas 0,4% no trimestre, reforçando os sinais de relativa estagnação do PIB no período, após o forte avanço do 1T23.

No setor corporativo, a semana concentra a divulgação dos resultados dos principais bancos de capital aberto do país referente ao segundo trimestre, cuja expectativa é de alguma melhora tanto na comparação trimestral como anual. Hoje (7) após o fechamento do mercado, é a vez do Itaú, cuja expectativa é de um lucro líquido de R\$ 8,6 bi no trimestre; na quarta (9), antes da abertura do mercado, o BTG divulga seu resultado (expectativa de R\$ 2,4 bi); já no fim do dia, é a vez do BB, com expectativa de R\$ 8,8 bi. Ainda na semana, Pine (9), BMG (10) e ABC (11) também divulgam seus resultados.

#### Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 2T23

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Itaú	07/ago	8.636,7	2,4%	12,5%
Banco do Brasil	09/ago	8.736,9	2,2%	12,0%
BTG Pactual	09/ago	2.401,9	12,6%	16,2%
Pine	09/ago	-	-	-
BMG	10/ago	-	-	-
ABC	11/ago	197,2	3,8%	-2,2%
Inter	14/ago	33,7	39,2%	117,1%
Banrisul	14/ago	247,4	16,2%	8,6%
Nubank	15/ago	801,3	8,9%	-

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

**No cenário internacional, a atenção do mercado estará voltada para a divulgação, na quinta-feira (10), da inflação ao consumidor (CPI) de julho nos EUA, que deve voltar a acelerar em 12 meses.** A expectativa do consenso é de uma alta de 0,2% no mês; contudo, diante da baixa base de comparação (0,0% em jul/22) refletindo a queda dos preços dos combustíveis na época, o índice deve voltar a acelerar em 12 meses, passando de 3,0% para 3,3%. A expectativa para o núcleo (sem alimentos e energia) também é de alta de 0,2% no mês, mas nesse caso, se mantendo estável em 4,8% em 12 meses. O resultado será importante para os agentes analisarem se a política de aperto monetário do Fed tem surtido efeito sobre a inflação e se, de fato, não será necessária mais nenhuma elevação dos juros, conforme precificado pelos mercados até o momento. Ainda nos EUA, na sexta (11) será divulgada a leitura dos preços ao produtor (PPI) de julho e a prévia da confiança do consumidor do mês de agosto.

**Na China, terça (8) serão divulgados os dados da balança comercial de julho, que devem seguir em queda.** Em meio à perda de dinamismo da atividade global, as exportações chinesas devem recuar 13,2% ante jul/22, enquanto as importações devem cair 5,6%, no mesmo comparativo, diante da perda de ímpeto da demanda local. No mesmo dia, também serão conhecidos os dados de inflação (CPI e PPI) do país, que devem seguir em deflação e podem abrir espaço para o anúncio de novos estímulos econômicos pelo governo.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
07/ago	FGV: IGP-DI	Jul/23	-0,40% m/m -7,46% a/a	-1,45% m/m -7,44% a/a
07/ago	Anfavea: Produção de Veículos	Jul/23	-	-7,1% a/a
08/ago	Ata do Copom	-	-	-
09/ago	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Jun/23	-0,3% m/m 5,1% a/a	-1,1% m/m 3,0% a/a
10/ago	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Jun/23	0,5% m/m 4,3% a/a	0,9% m/m 4,7% a/a
11/ago	IBGE: IPCA	Jul/23	0,08% m/m 3,95% a/a	-0,08% m/m 3,16% a/a
11/ago	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Jun/23	0,5% m/m 1,8% a/a	-2,0% m/m 2,1% a/a

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/ago	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Jul/23	-13,2% a/a -5,6% a/a	-12,4% a/a -6,8% a/a
08/ago	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jul/23	-0,4% a/a	0,0% a/a
08/ago	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Jul/23	-4,0% a/a	-5,4% a/a
10/ago	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jul/23	0,2% m/m 3,3% m/m	0,2% m/m 3,0% m/m
11/ago	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jul/23	0,7% a/a	0,1% a/a
11/ago	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Ago/23 – prévia	71,5 pts	71,6 pts

Fonte: Bloomberg.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Em votação dividida, Copom reduz Selic em 0,50 pp para 13,25% aa

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central reduziu a taxa Selic em 0,5 pp para 13,25% aa, em sua reunião dos dias 1 e 2 de agosto. A decisão surpreendeu parcela relevante do mercado, que esperava um início de ciclo mais “cauteloso”, com corte de 0,25 pp. Além disso, também chamou atenção o fato de que a decisão foi dividida entre os dirigentes da instituição: 5 votos para um corte de 0,50 pp (incluindo o presidente, Roberto Campos, decisivo para o desempate) e 4 para 0,25 pp.

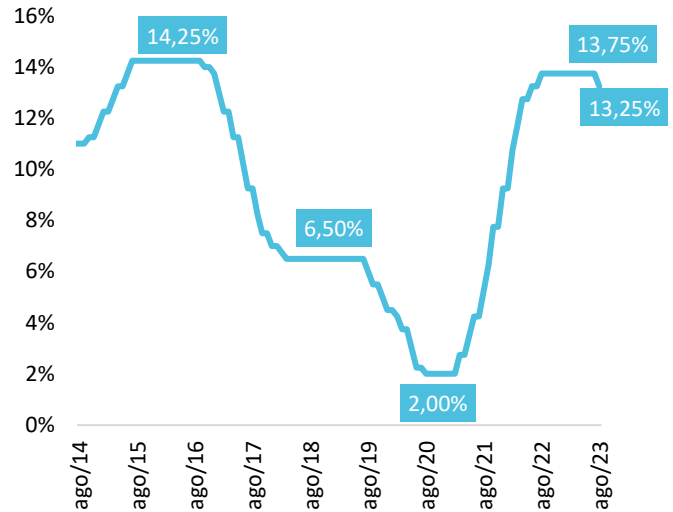
No documento, o Colegiado avaliou que houve alguma desinflação no cenário internacional, mas os núcleos seguem elevados e o mercado de trabalho resiliente. Além disso, os BCs das principais economias têm se mostrado determinados no combate à inflação. No âmbito interno, o Copom avaliou que a atividade e a inflação estão em desaceleração. Contudo, esta deve se elevar no 2º semestre (efeito base) e as medidas subjacentes ainda se situam acima da meta.

Já as projeções de inflação do Banco Central ficaram praticamente inalteradas ante a última reunião. Para 2023, houve ligeira queda de 5,0% para 4,9%; para 2024 ficou estável em 3,4%; e, para 2025, ficou em 3,0% (ante 3,1%, cf. RTI do 2T23). Assim, percebe-se que o BCB ainda projeta uma inflação levemente acima da meta de 3,0% em 2024, com convergência integral apenas em 2025.

Quanto ao balanço de riscos, este se manteve simétrico, ou seja, com riscos equivalentes de alta e baixa para a inflação (ante seu cenário base). Contudo, chamou a atenção o fato de que o Copom não citou mais a questão fiscal como um risco de alta. Neste sentido, vale lembrar que o novo arcabouço fiscal não é capaz de garantir por si só o cumprimento das metas de resultado primário, dependendo ainda da aprovação de novas medidas de aumento da arrecadação.

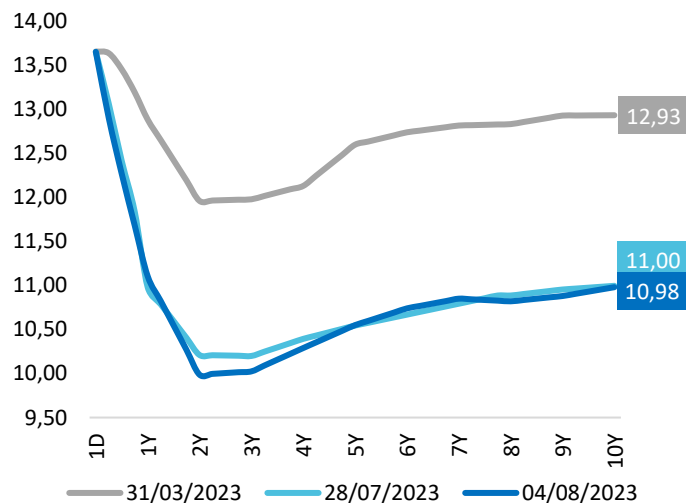
Em relação à sua decisão, o Copom apontou que a melhora do quadro inflacionário, aliada à queda das expectativas para prazos mais longos, permitiram acumular confiança necessária para iniciar um ciclo gradual de flexibilização. Já para as próximas reuniões, o documento apontou que, de forma unânime, os membros do Colegiado anteveem redução de 0,50 pp, avaliando que este é o ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessária para o processo desinflacionário. Assim, no momento, mercado aposta em mais 3 quedas de 0,50 pp neste ano, com Selic chegando a 11,75% aa em dezembro.

Quadro 1: Taxa Selic - % a.a.



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros Futuros % a.a.



Fonte: Bloomberg

Em relação à atividade, o IBGE informou que a produção industrial registrou ligeira alta (+0,1%) em junho, encerrando o segundo trimestre com avanço de 0,4%.

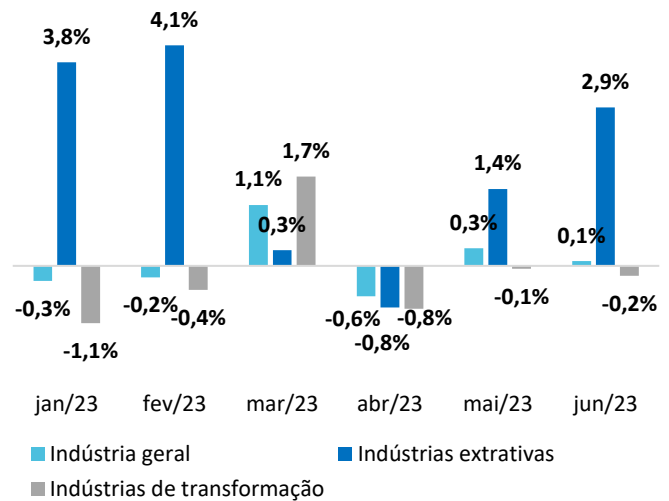
Apesar da pequena alta do índice agregado, a maioria das atividades do setor recuou no mês. Dentre as grandes categorias, apenas a indústria de bens de consumo semi e não duráveis cresceu (+0,9%), enquanto a produção de bens duráveis (-4,6%), de capital (-1,2%) e intermediários (-0,3%) caíram. Já entre os ramos pesquisados, 16 dos 25 recuaram, incluindo a fabricação de veículos (-4,0%), devolvendo parte da alta de maio (+7,2%), com a antecipação da produção para as vendas destinadas ao programa de descontos do governo. Já a expansão do setor foi sustentada pela indústria extrativa (+2,9%).

Com o resultado, o setor voltou a registrar alguma expansão no trimestre (+0,4%), após estagnação no 1T23. Porém, a alta é explicada apenas pela indústria extrativa (+2,7%), que tem se beneficiado do aumento da produção de petróleo e minério de ferro. Já a indústria de transformação ficou estável (0,0%), após a queda no trimestre anterior (-0,4%) e segue sem dinamismo, praticamente estagnada, afetada pela política monetária contracionista, desaceleração global, além dos problemas estruturais do setor.

A balança comercial apresentou superávit de US\$ 9,0 bi em julho, acima do esperado (US\$ 8,0 bi) e do registrado no mesmo mês do ano passado (US\$ 5,4 bi). O resultado, que foi o melhor para um mês de julho desde 1994, refletiu a queda em maior proporção das importações (-18,2%) do que das exportações (-2,6%), ante a média por dia útil de jul/22. Em ambos os casos, tem havido queda dos preços (-14,8% e -14,2%, respectivamente), contudo, enquanto o volume importado também tem caído (-2,7%), o volume exportado segue em alta (+14,1%). Neste caso, destaque para o crescimento do volume exportado de itens agropecuários (+26,7%) e extrativos (+31,5%), puxado por maiores vendas de soja (+31,9%) e petróleo (+68,2%). No caso das importações, a queda do volume tem sido liderada por combustíveis (-9,2%) e bens intermediários (-9,8%).

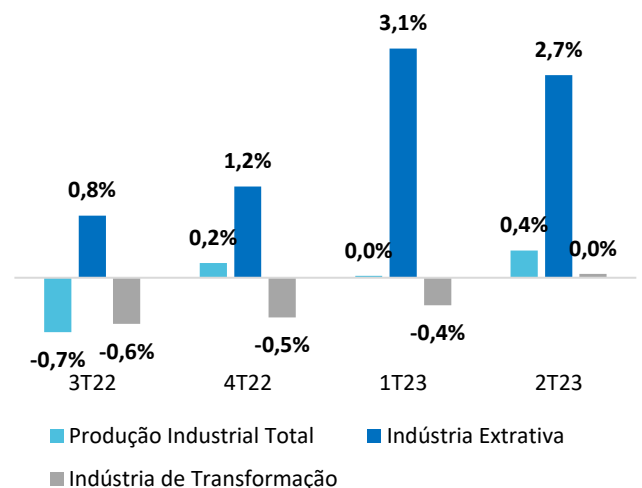
Com isso, a balança atingiu um superávit de US\$ 51,1 bi no ano e de US\$ 76,0 bi nos últimos 12 meses. E a tendência, é de números recordes no ano. Como exemplo, mantido o ritmo de crescimento das exportações (+0,4%) e de queda nas importações (-8,9%) observado no acumulado do ano, o saldo chegaria a US\$ 87,1 bi, próximo ao projetado atualmente pelo Ministério do Desenvolvimento (MDIC), de US\$ 84,7 bi e muito acima do obtido em 2022 (US\$ 61,5 bi).

**Quadro 3: Produção Industrial Var.% Mensal**



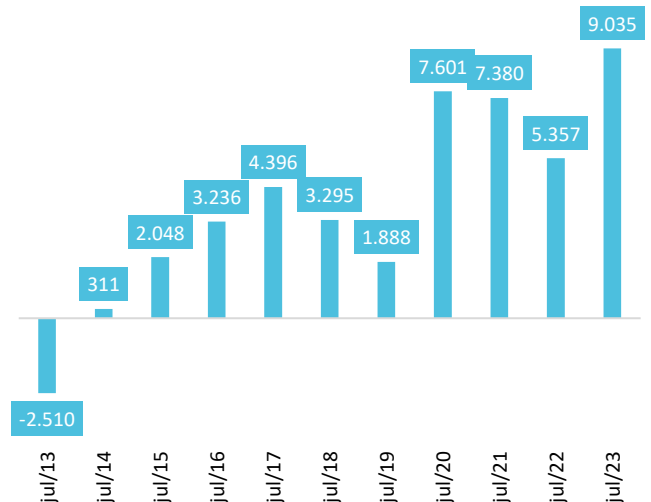
Fonte: IBGE

**Quadro 4: Produção Industrial Var.% Trimestral**



Fonte: IBGE

**Quadro 5: Saldo Comercial nos meses de julho Em US\$ milhões**



Fonte: Mdic

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Redução do rating soberano dos EUA pela Fitch tira ímpeto dos mercados

Os mercados internacionais, especialmente os principais índices acionários dos EUA, caíram durante a semana (após 3 semanas em alta), devido ao rebaixamento do rating soberano do país pela Fitch. Segundo a agência, a piora da nota decorre da deterioração fiscal e do aumento da dívida pública. Com isso, os EUA possuem agora nota máxima (AAA) apenas da Moody's, uma vez que a S&P já havia rebaixado a nota norte-americana em 2011. Assim, os EUA migraram para um pequeno grupo (junto com a Nova Zelândia) que possui nota máxima em apenas uma agência, deixando o Canadá sozinho num segundo pelotão (duas notas máximas), enquanto outras nove economias seguem com nota máxima nas três agências (Quadro 6).

Na economia, o *payroll* mostrou a criação de 187 mil vagas de emprego em julho, abaixo do esperado pelo mercado (200 mil) e com revisão para baixo nos dados de maio e junho. Ainda assim, a criação de vagas segue acima da média no pré-pandemia (+163 mil, em 2019). Com o resultado, a taxa de desemprego caiu para 3,5% (ante 3,6%). O ponto de atenção ficou por conta dos ganhos salariais, que subiram 0,4% no mês 4,4% em 12 meses, acima do esperado (+4,2%). A queda do desemprego e a alta dos salários reforça a força da demanda por trabalho no país, fato que pode dificultar a desaceleração da inflação.

Quanto à atividade, conforme esperado, o índice PMI dos serviços recuou (de 54,4 pts para 52,3 pts em julho) pelo 2º mês seguido, embora siga em expansão. Já o indicador da manufatura subiu de 46,3 pts para 49,0 pts, mas segue em níveis baixos.

Na Zona do Euro, a prévia da inflação de julho veio conforme o esperado, com deflação de 0,1% no mês e desacelerando para 5,3% em 12 meses (ante 5,5% em jun/23), em função da queda de 6,1% nos preços de energia. Já o núcleo do indicador ficou estável em 5,5%, sem sinais de moderação. No âmbito da atividade, o PIB do 2T23 da região subiu 0,3% em sua 1ª leitura, pouco acima do esperado (+0,2%). Já os índices PMI seguiram mostrando acomodação da atividade no bloco. O indicador dos serviços caiu para 50,9 pts (ante 52,0 pts), enquanto a indústria aprofundou sua queda para 42,7 pts (ante 43,4 pts).

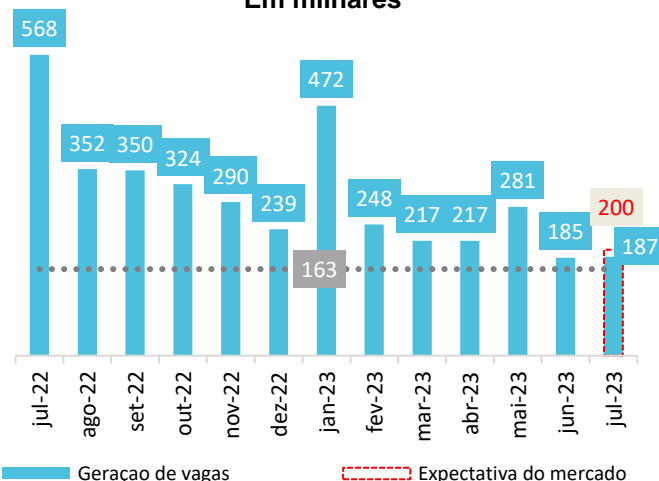
Por fim, na China, o índice PMI Caixin de julho também reforçou os sinais de arrefecimento da atividade no país. Apesar da leve alta nos serviços (de 53,9 pts para 54,1 pts), a indústria voltou a ficar abaixo dos 50 pts (de 50,5 pts para 49,2 pts), em território contracionista.

Quadro 6: Países com rating AAA - Por quantidade de agências (Moody's, S&P e Fitch)

AAA em 3 agências	AAA em 2 agências	AAA em 1 agência
Alemanha	Canadá	EUA
Austrália		Nova Zelândia
Cingapura		
Dinamarca		
Holanda		
Luxemburgo		
Noruega		
Suécia		
Suíça		

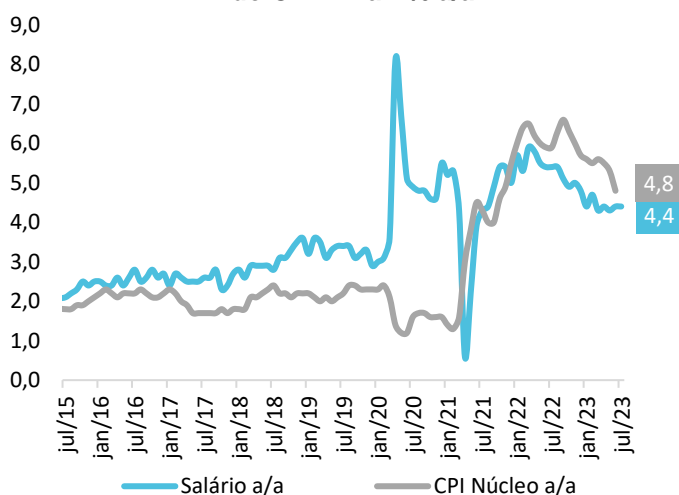
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



..... Média pré-pandemia (2019)  
Fonte: Bloomberg. \*Dados até jun/23.

Quadro 8: EUA – Ganhos salariais médios e Núcleo do CPI\* - Var. % a/a



Fonte: Bloomberg. \*Dados até jun/23.

**The Banker  
Top 1.000 World Banks 2023**
**CRÉDITO / BANCOS**

Nesta semana, dando continuidade à análise das informações divulgadas pela revista The Banker - Ranking Top 1000 World Banks 2023 - referente ao ano de 2022, analisaremos a carteira de crédito, seu crescimento e a proporção em relação ao total de ativos (razão crédito/ativos) para as maiores IFs do mundo. Destacamos que, nas análises a seguir, foram retirados os bancos que não possuíam dados sobre volume de empréstimos ou aqueles com razão crédito/ativos maior que 100%, que julgamos ser um possível erro de informação ou de critério na coleta dos dados.

De forma geral, a carteira de crédito da amostra, que conta com 956 bancos, cresceu 1,0% em dólar ao longo de 2022, atingindo US\$ 80,7 trilhões. O período foi marcado pelo início (ou continuidade) do processo de aperto monetário por grande parte dos Bancos Centrais, em meio ao combate à inflação; além do fortalecimento global do dólar (o que reduz o crescimento do crédito em tal base de comparação). Assim, seria natural observar um menor crescimento do crédito no período, após as expansões vistas em 2020 (+10,5%) e 2021 (+5,1%), beneficiado na ocasião pelas políticas de estímulo na pandemia. Ainda assim, a razão crédito/ativos geral aumentou 1,1 pp no ano, chegando a 53,5%, indicando que a expansão do crédito foi maior do que o volume total de ativos das IFs (-1,1%), sugerindo um bom nível de apetite ao risco por crédito entre as IFs, dada a expansão da carteira de crédito no balanço dos bancos.

**Quadro 9: Carteira de Crédito e relação Empréstimos/Ativos por Região e país - 2022**

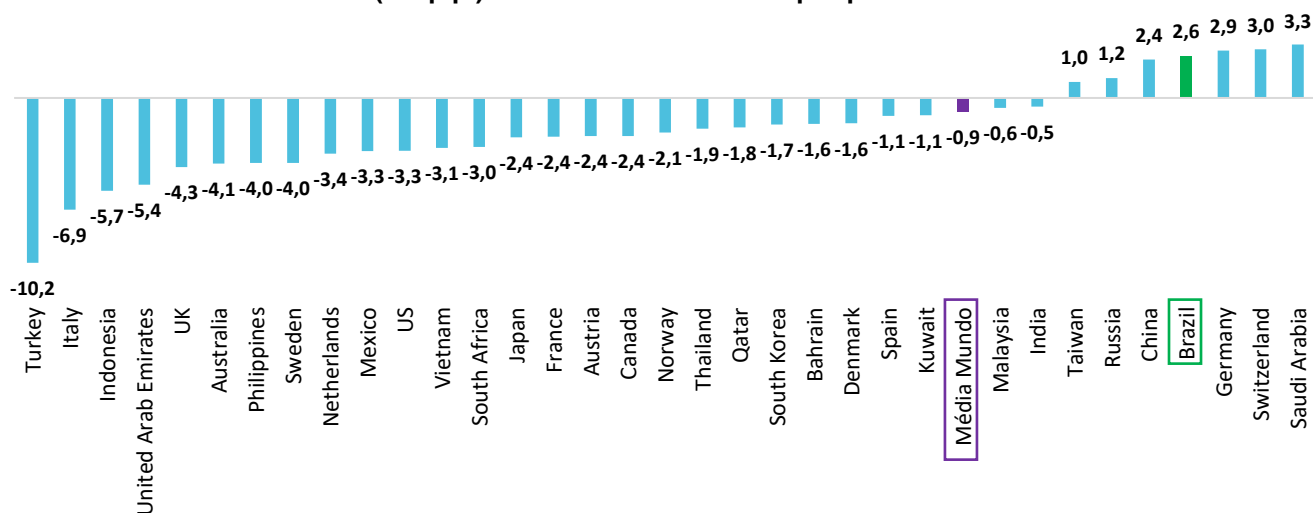
Região/País	Nº de bancos	Empréstimos (US\$ bi)	Var. % (22/21)	Razão Empréstimo/Ativos	Var. pp (22/21)
Ásia e Pacífico	355	40.386	0,5%	57,2%	0,3
China	122	24.827	2,0%	59,7%	0,0
Japão	82	5.384	-5,2%	40,3%	0,6
Índia	26	1.657	3,8%	62,8%	1,2
Coreia do Sul	9	2.070	-3,4%	66,2%	-0,7
Europa	214	22.332	-3,3%	52,0%	1,4
França	6	4.767	-1,0%	45,2%	1,9
Reino Unido	26	3.671	-6,8%	43,3%	-1,0
Suíça	34	1.723	-1,0%	52,8%	3,5
Espanha	13	2.440	-2,1%	60,1%	1,5
América do Norte	207	12.396	8,2%	44,3%	2,6
EUA	191	9.312	9,1%	42,7%	3,0
6 maiores bancos	6	4.405	2,1%	32,3%	1,0
Demais IFs	185	4.793	16,5%	59,8%	5,2
Canadá	13	3.033	5,6%	49,7%	1,3
Oriente Médio	63	2.417	7,4%	65,0%	0,2
América do Sul	32	1.176	11,2%	50,3%	-0,3
Brasil	14	823	19,0%	46,8%	0,7
Chile	4	143	-2,9%	61,7%	0,4
Europa Leste e Central	29	1.206	14,7%	68,0%	3,2
Rússia	12	930	20,7%	73,5%	4,9
África	27	555	-4,8%	58,6%	-0,2
África do Sul	7	321	-1,2%	61,8%	0,1
América Central	17	160	11,3%	53,7%	1,6
México	7	94	22,7%	51,8%	1,1
Ásia Central	5	38	19,6%	63,2%	3,2
Caribe	7	40	6,5%	49,7%	1,0
<b>Total</b>	<b>956</b>	<b>80.705,2</b>	<b>1,0%</b>	<b>53,5%</b>	<b>1,1</b>

O Quadro 9 traz os dados de crédito e a razão crédito/ativos desagregados por regiões e países. Dentre as regiões com maior relevância, a América do Norte (+8,2%) liderou o crescimento do crédito, que contou com o forte desempenho dos EUA (+9,1%). No caso, interessante observar que tal expansão foi puxada pelos bancos de menor porte (+16,5%) do país na amostra, enquanto os seis maiores *players* (JP Morgan, Bofa, Wells Fargo, Citibank, Goldman Sachs e Morgan Stanley) registraram um crescimento bem mais modesto (+2,1%). A expansão do crédito nos bancos de menor porte se deu de forma bem mais intensa do que o balanço de tais instituições, elevando a razão crédito/ativos em 5,2 pp no ano (para 59,8%), em nível bem acima do observado nos 6 maiores bancos americanos (32,3%) e da média mundial (53,5%). Chama a atenção a intensidade do crescimento e a consequente redução proporcional dos ativos líquidos em balanço, sendo assim, um possível sinal dos problemas que seriam vistos neste ano em alguns bancos regionais do país, diante do aumento excessivo da exposição ao risco e má gestão da liquidez, que acabou tornando-as insolventes.

Ainda dentre as regiões mais relevantes, a Ásia e Pacífico (+0,5%) registrou crescimento da carteira de crédito abaixo da média, mesmo com uma expansão de 2,0% na China, país mais relevante do ranking. Enquanto isso, a Europa registrou queda do crédito (-3,3%), penalizada pela depreciação do euro. Quando controlada pela variação dos ativos, observa-se que a razão crédito/ativos (que não possui a distorção da variação cambial) aumentou 1,4 pp, para 52,0%.

Já o Brasil se destacou positivamente com uma expansão de 19,0% (em dólares) do saldo de crédito em 2022 (ou 12,5% em reais), próximo ao reportado pelo BCB para todo o SFN (+14,0%, em reais). Além disso, a razão crédito/ativos também avançou, em 0,7 pp, para 46,8%, maior patamar desde 2015. Importante notar que a expansão do crédito no Brasil foi destaque a nível mundial desde o início da pandemia, conforme Quadro 10. Considerando a evolução da carteira de crédito (em proporção aos ativos), observa-se que o Brasil apresentou uma das maiores altas da razão, de 2,6 pp, ante uma queda de 0,9 pp na média mundial, tomando como base o ano de 2019 até 2022. Dentre os países mais relevantes, apenas Arábia Saudita (+3,3 pp), Suíça (+3,0 pp) e Alemanha (+2,6 pp) mostraram crescimento superior ao Brasil.

**Quadro 10: Var. (em p.p.) da razão Crédito/Ativos por país – 2022 ante 2019**

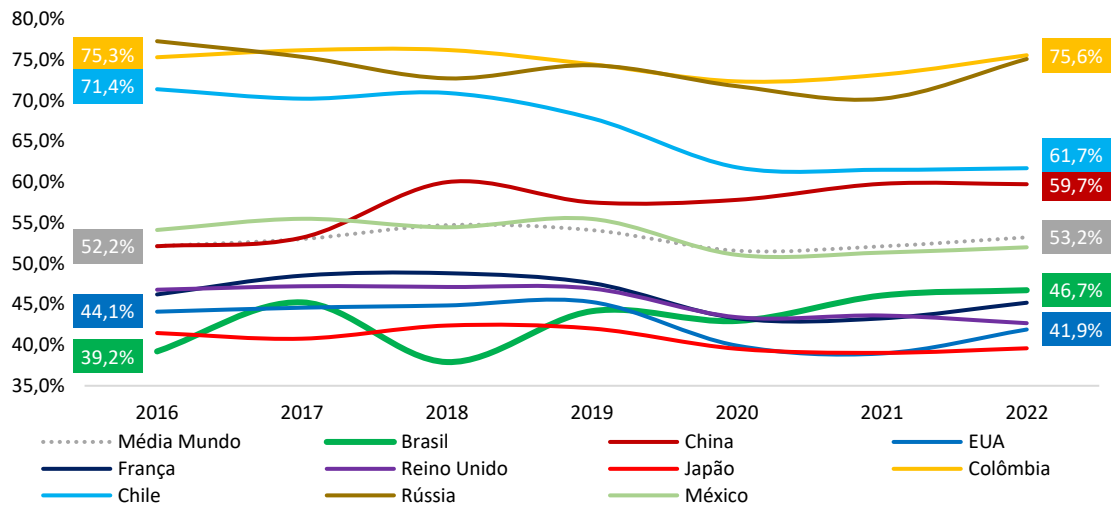


Fonte: The Banker.

Já o Quadro 11 traz a evolução de 2016 a 2022 da relação crédito/ativos para o Brasil e os principais países do ranking. Os dados consideram apenas os bancos de cada país que figuram em todos os anos avaliados\*. Como é possível observar, apesar do crescimento pós-pandemia, o Brasil segue abaixo da média mundial em tal métrica (46,7%, ante 53,1%). Isso não necessariamente significa uma baixa alocação em crédito em seus respectivos balanços. Isso porque, tal volume não considera títulos privados que os bancos carregam em balanço (ou seja, crédito não bancário/operações do mercado de capitais), que em alguns casos pode ser significativo, além de cada jurisdição possuir diferentes exigências de métricas liquidez, o que implica na necessidade de manutenção de variados níveis de ativos líquidos em balanço. A importância do mercado de capitais é ilustrativa no caso dos EUA, por exemplo, que apresenta um baixo valor, quando se consideram todos os bancos do país (41,9%), dada a importância dos grandes bancos de investimento no país. No caso, tais IFs possuem um baixo volume de crédito bancário, mas carregam um grande volume de títulos privados em balanço.



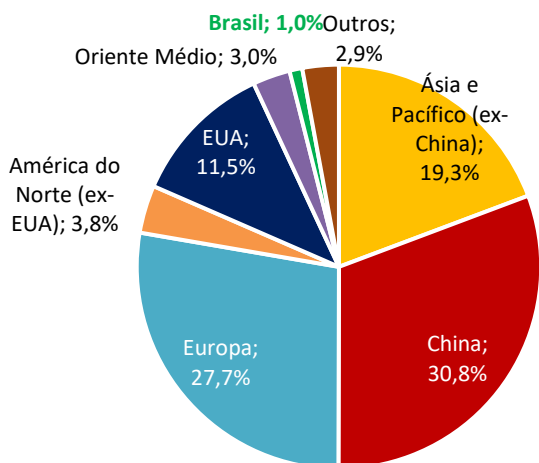
**Quadro 11: Evolução da razão Crédito/Ativos – Média mundial e países selecionados**



Fonte: The Banker. \*Representam 94% do volume de capital Nível 1 do setor bancário global no período.

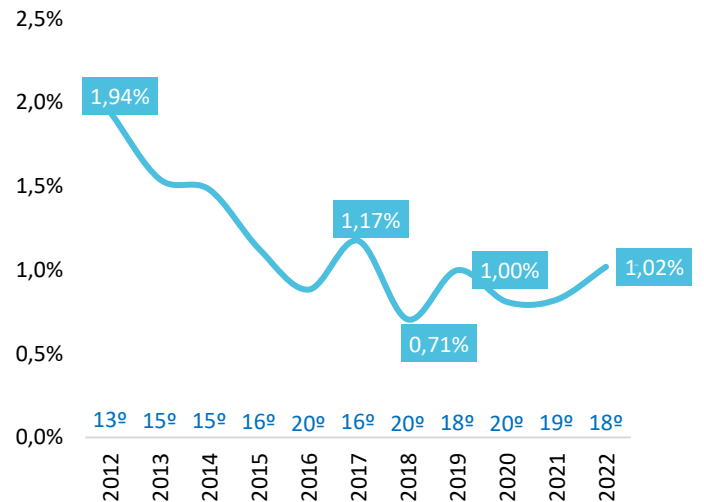
Por fim, vale comparar o tamanho das carteiras de crédito dos países e regiões (Quadro 12). A China segue como o país mais relevante, com 30,8% de todo o crédito bancário da amostra, ficando à frente de todos os bancos europeus (27,7%) e possuindo quase três vezes o volume de crédito (bancário) dos EUA (11,5%) – que como mencionamos há pouco, possui um mercado de capitais bastante desenvolvido, substituindo o crédito bancário. Já o Brasil representou apenas 1,02% da carteira de crédito total da amostra em 2022, com leve alta com relação ao ano anterior (0,82%). Neste sentido, o Brasil foi o 18º país mais relevante no ranking, recuperando posição ocupada em 2019, conforme Quadro 13.

**Quadro 12: Participação da Carteira de Crédito (em dólar) por região e país (2022)**



Fonte: The Banker.

**Quadro 13: Participação (%) e posição do Brasil com relação ao total dos empréstimos**



Fonte: The Banker.

## Resultado Corporativo 2º Tri/23 Bradesco

## CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco registrou um lucro líquido gerencial de R\$ 4,5 bilhões no 2º trimestre, alta de 5,6% ante o 1T23 e queda de 35,8% em um ano. O resultado veio em linha com o esperado pelo mercado. O ROE, por sua vez, ficou em 11,1% no trimestre, com alta de 0,5 pp no trimestre, mas queda de 7,0 pp em 12 meses, se mantendo em baixo patamar em termos históricos.

No trimestre, o resultado foi beneficiado pelo bom desempenho do resultado da área de seguros, previdência e capitalização que subiu 31,9% no período, atingindo R\$ 4,8 bi, em função dos maiores prêmios. Já as receitas com prestação de serviços ficaram praticamente estáveis (+0,1%), onde os maiores ganhos com cartão (+1,0%) foram compensados pela queda das receitas com administração de consórcio (-7,9%) e conta corrente (-2,9%).

Do lado negativo, a margem financeira caiu (-0,6%) no trimestre, em função da queda (-1,8%) da margem com clientes, devido à política de crédito mais restritiva adotada, segundo o banco, que reduziu tanto o saldo médio, como os spreads (com migração para linhas mais seguras). Enquanto isso, o banco reduziu sua perda com a margem com o mercado (de R\$ -587 mi para R\$ -96 mi), com melhor desempenho da tesouraria, embora o resultado siga negativo. Já a PDD segue em alta (+8,4% no tri), tendo atingido R\$ 10,3 bi, abaixo apenas do 4T22 (R\$ 14,9 bi) quando houve o impacto extraordinário do evento das Lojas Americanas. Já as despesas cresceram 2,2% ante o 1T22, com alta de 2,6% das administrativas e 2,1% das despesas de pessoal.

A carteira de crédito ampliada do Bradesco cresceu 1,6% em 12 meses, mas recuou 1,2% ante o tri anterior. A redução da carteira reflete o reposicionamento da política de crédito, que agora busca modalidades de menor risco, segundo o banco.

Em 12 meses, a alta ocorreu na carteira destinada às famílias (+5,7%), com forte desempenho do cartão de crédito (+14,1%), mas desacelerando, conforme estratégia da IF. Já a carteira PJ apresentou queda de 1,2% ante o mesmo período do ano passado, puxado pelo segmento de MPMEs (-2,1%) e, em menor medida, grandes empresas (-0,7%).

A inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 5,9%, subindo 0,8 pp no tri e 2,4 pp no ano, renovando o maior patamar desde o início da série (2009). Na margem, contudo, a piora foi liderada pela carteira de grandes empresas (+1,7 pp, para 1,9%), em decorrência do evento Americanas, enquanto as carteira de MPMEs (+0,8 pp, para 7,0%) e PF (+0,4 pp, para 6,7%) subiram em menor proporção. Os atrasos (entre 15 a 90 dias), por sua vez, caíram de 4,6% para 4,4%, sugerindo alguma melhora dos índices de inadimplência à frente.

O banco também revisou seu *guidance* para 2023, projetando uma menor expansão da carteira de crédito, agora entre 1% e 5% ante 6,5% e 9,5%, com reflexos negativos para o avanço da margem financeira (para 2% a 6%; ante 7% a 11%). Do lado positivo, a IF projeta maiores ganhos no segmento de seguros, com alta esperada entre 21% e 25% (ante 6% a 10%).

**Quadro 14: Resultado 2T23 – Bradesco**

Bradesco – R\$ Mi	2T22	1T23	2T23	Var. %	
				Tri	Anual
<b>ITENS PATRIMONIAIS</b>					
Ativo Total	1.757.780	1.864.026	1.884.020	1,1%	7,2%
TVM	730.769	730.525	768.684	5,2%	5,2%
Depósitos	567.575	589.001	591.747	0,5%	4,3%
Patrimônio Líquido	154.325	157.156	161.178	2,6%	4,4%
<b>DRE<sup>1</sup></b>					
Margem Financeira Bruta	16.361	16.653	16.556	-0,6%	1,2%
Margem com Clientes	16.947	16.965	16.652	-1,8%	-1,7%
Margem com Mercado	-587	-312	-96	-69,2%	-83,6%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-5.313	-9.517	-10.316	8,4%	94,2%
Receitas de prestação de serviços	8.976	8.746	8.756	0,1%	-2,5%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	3.707	3.669	4.841	31,9%	30,6%
Despesas de pessoal	-5.718	-6.031	-6.155	2,1%	7,6%
Despesas administrativas	-5.344	-5.418	-5.559	2,6%	4,0%
IR/CSLL	-3.229	-499	-393	-21,2%	-87,8%
Lucro/Prejuízo do período <sup>2</sup>	7.041	4.280	4.518	5,6%	-35,8%
<b>RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE<sup>1</sup></b>					
ROAE	18,1%	10,6%	11,1%	0,5 pp	-7,0 pp
ROAA	1,6%	0,9%	1,0%	0,1 pp	-0,6 pp
Índice de eficiência	42,4%	47,1%	46,1%	-1,0 pp	3,7 pp
<b>CRÉDITO</b>					
Carteira de crédito ampliada <sup>3</sup>	855.381	879.283	868.687	-1,2%	1,6%
PF	341.557	365.312	361.077	-1,2%	5,7%
PJ	513.824	513.972	507.610	-1,2%	-1,2%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	46.249	53.618	53.836	0,4%	16,4%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,6%	1,1%	1,2%	0,1 pp	0,6 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	5,4%	6,1%	6,2%	0,1 pp	0,8 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,5%	5,1%	5,9%	0,8 pp	2,4 pp
Índice de Basileia	15,6%	15,1%	15,5%	0,4 pp	-0,1 pp
Cobertura > 90 dias	218,1%	182,4%	163,7%	-18,7 pp	-54,4 pp

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. <sup>1</sup>Anualizado <sup>2</sup>Lucro Líquido Ajustado Gerencial <sup>3</sup>Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	04/08/23	28/07/23	07/07/23	Viés	04/08/23	28/07/23	07/07/23	Viés
IPCA (%)	4,84	4,84	4,95	↔	3,88	3,89	3,92	▼
PIB (% de crescimento)	2,26	2,24	2,19	▲	1,30	1,30	1,28	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	12,00	12,00	▼	9,00	9,25	9,50	▼
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	4,90	4,91	5,00	▼	5,00	5,00	5,06	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	04/08/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,88	3,03%	3,17%	-7,67%	-6,48%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	173,98	6,16%	5,63%	-31,52%	-36,27%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,14	-1,42%	-1,10%	-3,74%	-3,72%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,08	-1,69%	-1,27%	-17,39%	-17,90%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,49	-0,67%	0,09%	-16,90%	-14,03%
Índice Ibovespa (em pontos)	119.507,68	-0,57%	-2,00%	8,91%	12,86%
IFNC (setor financeiro)	12.023,97	-2,15%	-2,86%	17,27%	18,83%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	120,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,76	-2,26%	-2,31%	7,64%	56,57%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,03	2,10%	1,89%	4,10%	50,05%
Dollar Index	102,02	0,39%	0,16%	-1,45%	-3,48%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.478,03	-2,27%	-2,42%	16,63%	7,85%
Índice de ações de bancos – EUA	102,33	0,11%	-0,20%	-10,31%	-12,02%
Índice Euro Stoxx 50	4.332,91	-2,99%	-3,10%	14,22%	15,40%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	112,59	-0,94%	-1,16%	17,45%	37,64%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	86,24	1,47%	0,79%	0,38%	-8,37%

Fonte: Bloomberg

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira